Aconteceu, virou cordel! Critérios de noticiabilidade e os folhetos de acontecido – aproximações iniciais

Edgard PATRÍCIO[1]
Gislene CARVALHO[2]

RESUMO

O percurso dos folhetos de cordel passa por uma série de momentos em que percebemos que a difusão de notícias é uma de suas características fundamentais. Assim, os folhetos de acontecido, aqueles que tratam de fatos reais veiculados na mídia de massa, também seguem critérios de noticiabilidade. Estes critérios estão relacionados, entre outras, às características culturais do meio para o qual está destinada a circulação. Nesse trabalho, identificamos a trajetória histórica dos folhetos de acontecido. Ao mesmo tempo, esclarecemos acerca dos critérios de noticiabilidade. E estabelecemos pontos de reflexão a partir da relação entre folhetos de acontecidos e critérios de noticiabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Critérios de noticiabilidade, folhetos de acontecido, cordel

INTRODUÇÃO:

O folheto de cordel é a forma impressa de uma poesia oral que tem, entre outras funções, a função de registrar o cotidiano do Nordeste Brasileiro, atuando na manutenção e atualização de suas memórias e tradições, além de promover a sociabilidade entre os sujeitos que com ele se envolvem, sejam os poetas ou leitores/ouvintes que buscam se informar ou se entreter. O cordel nordestino é uma forma de transmissão de informação, de opiniões, de conhecimento e de diversão.

As notícias, as informações sempre fizeram parte da estrutura primeira do texto do cordel nordestino. Com origem na voz dos cantadores, que poetizavam as notícias e as difundiam acompanhadas por suas violas nas feiras, nas festas e onde houvesse um grupo de pessoas interessadas em ouvi-los, os folhetos nordestinos mesclam os elementos da poesia que já era comum na região com aquilo que era novidade e vinha das diversas culturas que chegavam ao Brasil em forma de literatura. As notícias passam a ser cantadas e, muitas vezes, mescladas a elementos de ficção para fazer relatos da realidade cotidiana. O cordel é o resultado das contribuições de diversas culturas que se unem às práticas orais que já existiam no Nordeste e formam o folheto da forma como o

[1] Jornalista. Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. edgard@ufc.br
[2] Jornalista. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. mgisacarvalho@gmail.com

conhecemos hoje, contando a realidade, transmitindo informações e incorporando a ficção em seu modo de transmitir conhecimento.

Os folhetos de cordel brasileiros, por seus usos e características, podem ser considerados um tipo de mídia que transita da voz ao papel. Seus temas e formas de abordar notícias obedecem a critérios específicos de escolha que se aproximam dos critérios de noticiabilidade do jornalismo, que são definidos a partir de uma premissa cultural, a partir dos contextos de emissão e recepção e que fazem um fato ser suficientemente relevante para ser midiatizado, registrado e difundido.

Deste modo, realizamos neste trabalho uma discussão sobre os critérios de noticiabilidade do jornalismo que são utilizados nos folhetos noticiosos. Serão considerados aqui os folhetos classificados por Manuel Diegues (1986) como "de acontecidos" e incorporados a eles folhetos cujas temáticas fazem críticas sociais, refletem contextos atuais e históricos a partir da utilização de personagens fictícios.

É importante refletirmos sobre as aproximações práticas entre as temáticas do jornalismo e da composição da poesia de folhetos, considerando que ambos têm o mesmo objetivo, que é o de informar e de construir conhecimento, ainda que não estejamos aqui considerando que o cordel seja um jornal ou o cordelista um jornalista, tanto por questões referentes à profissionalização, quanto ao exercício de construção da notícia.

O cordelista é um líder de opinião, um *gatekeeper*, que seleciona fatos que deve noticiar de acordo com o controle de sua recepção, visto que há a necessidade de vender folhetos, um dos motivos que leva a poesia oral a ser impressa. As temáticas que são consideradas relevantes para que permaneçam registradas, para que a memória seja mantida, as tradições transmitidas e atualizadas. O cordelista enxerga a realidade cotidiana e a transmite em forma de poesia, com toda sua subjetividade, opiniões e imaginário. Assim, a partir dos critérios de noticiabilidade do jornalismo, identificamos aqui os critérios que direcionam a escolha das temáticas trabalhadas na poesia dos folhetos de cordel.

PERCURSO DO FOLHETO NOTICIOSO

O folheto de cordel como literatura, como texto meramente fictício, é apenas uma das formas em que podemos encontrá-lo, ainda que esta seja a ideia primeira do

senso comum, que coloca os folhetos como uma literatura menor, uma historinha cômica ou um souvenir a ser esquecido depois de uma viagem a qualquer estado do Nordeste. Mais do que isso, os folhetos são um registro da cultura do Nordeste, dos hábitos, costumes, tradições, cotidianos, causos, da memória de modo geral.

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas ele não é apenas aquele que transcreve as notícias da mídia de massa para a poesia oral, é também os registros do cotidiano, que reforçam as próprias tradições, os que mantêm presentes os personagens que são considerados importantes para o imaginário coletivo. Nos cordéis, a informação que surge tem estética diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

De acordo com Manuel Diegues (1986), os cordéis mais abundantes são os de registros de fatos acontecidos. Os cordéis de acontecidos são aqueles que apresentam como ciclo temático principal fatos que mereceram atenção popular. São fatos que no Jornalismo obedecem a critérios de noticiabilidade e possuem valores notícia que os tornam relevantes, a ponto de serem noticiados. Tais fatos tornam-se recorrentes no cotidiano dos poetas, agendados[3] pela mídia, e eles o transformam em folhetos. Os cordéis transformam-se em veículos de informação, atuando junto com o jornal, a televisão e o rádio, começando a perder espaço com a chegada destes últimos.

A poesia que canta notícias não é exclusividade do Nordeste do Brasil. Segundo Lemaire (2010), isso também esteve presente nas práticas do *zeitungssinger*, na Alemanha. As *zeitungen* (notícias) continuavam existindo e sendo cantadas mesmo depois da invenção da imprensa. O *Kramer* era o vendedor ambulante, portador da notícia, que era cantada, mas passou também a circular impressa, e a prática da cantoria era utilizada como estratégia publicitária, para chamar a atenção dos compradores das *fliegendes blatt* (uma folha só) ou dos *flugschrift* (folhas dobradas, em forma de

[3] Trata-se da capacidade dos meios de comunicação de pautar os assuntos que irão circular na sociedade, além de influenciar as opiniões e as notícias que circulam também nos outros veículos. Estabelece uma relação entre a agenda da mídia e a dos receptores. HOHLFELDT, Antonio (2001).

cadernos), suporte que significa, o primeiro, "folha volante", sendo o segundo composto pelo adjetivo "veloz" (*flug*), que, segundo Lemaire (2010), acentua os significados que o papel atribuía às notícias que eram cantadas pela voz. Estas formas, segundo Lemaire (2010), eram muito parecidas com o folheto de cordel nordestino e deram origem aos primeiros jornais na Alemanha, compostos por vários folhetos impressos e justapostos.

Com essa apresentação, Lemaire (2010) refere-se à literatura como elemento estético aplicado à difusão das notícias, assim como o verso, o ritmo, a rima etc. A missão dos folhetos, mesmo não só no Nordeste, era de informar. Para a autora, esta comparação entre o *Flugblatt* e o folheto do Nordeste permite pensarmos nos folhetos como uma forma primeira de transmissão de notícias, além de outros tantos questionamentos que não cabem aos objetivos deste trabalho. E, assim, podemos discutir o conteúdo dos folhetos como conteúdos midiáticos, indo além do suporte, que lhes oferece permanência e durabilidade.

Segundo Abreu (1993), a difusão de notícias pela cantoria da voz era comum no Nordeste, quando chegaram à região os folhetos portugueses, cujas temáticas eram sempre literárias, contando histórias de reis e princesas europeus, epopeias medievais, histórias de santos etc. Estes folhetos eram chamados de cordéis, pois, em Portugal, eram vendidos pendurados em cordas. A forma dos textos era em prosa e seu conteúdo era sempre de ficção. Quando chegam ao Nordeste, estes folhetos são incorporados à uma prática poética oral que já existia e o que acontece não é uma apropriação das trovas portuguesas, mas uma combinação, uma complementação entre as formas, que fez com que os poetas inserissem, em suas informações, traços estéticos de ficção. O suporte também serviu de inspiração e passou a ser utilizado para o registro da poesia.

No Brasil, a prática da cantoria era utilizada como forma de difusão de notícias. Os cantadores viajavam pelas cidades com suas violas e voltavam trazendo informações de diversos lugares, que serviam de mote para seus versos. Com a chegada das máquinas impressoras no Brasil e o consequente barateamento, devido às modernizações e aparecimentos de novas tecnologias de impressão, os poetas, que usavam a memória para guardar seus versos, ou os anotavam em cadernos ou folhas que se perdiam com facilidade, passaram a imprimi-los e vendê-los nas feiras onde cantavam e realizavam suas performances.

GRANDES MOMENTOS DO FOLHETO NOTICIOSO NO BRASIL

Muitos eventos da História do Brasil tiveram seus fatos registrados também pelos folhetos de cordel. Segundo Curran (2003), o primeiro evento foi a Guerra de Canudos.

> "Seus poemas de acontecido são realmente memória, documento e registro de cem anos da história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época." (CURRAN, 2003, p. 19)

Para Curran (2003), o cordel é o documento popular mais completo do Nordeste brasileiro, apresentando os fatos históricos mais relevantes que a região conheceu. Seu registro serve para informar, ensinar e entreter. Os folhetos são uma forma de conhecimento histórico, sobre as tradições e sobre tantos outros temas, inclusive sobre a literatura erudita, que os folhetos apresentam em uma poesia que segue as regras de composição dos cordéis.

Os folhetos históricos também podem ser chamados de acontecidos. O ciclo, assim classificado por Diegues (1986), tem relação com a realidade cotidiana. Aqui, consideramos como fatos noticiosos os acontecidos de Diegues (1986) assim como os folhetos cujas narrativas partem de fatos da realidade cotidiana e que possuem elementos de ficção ou opinião em sua composição como recurso estético e estilístico, mas que mantenham o objetivo de transmitir informação e conhecimento. Assim, os folhetos históricos estão inseridos nesta classificação, pois tratam de temas pertencentes à realidade cotidiana, ainda que insiram muitos elementos do imaginário coletivo. Além disso, os folhetos hoje são considerados históricos e, portanto, são registros de uma memória. No entanto, na época em que foram escritos, os temas eram considerados atuais, então poderiam ser chamados de notícias.

Os cordéis estiveram presentes como testemunhas de diversos eventos da história do Brasil. A morte de Getúlio Vargas é um dos exemplos mais significativos da expressividade dos folhetos em relação aos fatos de grande repercussão. Vargas era um presidente que tinha muita aceitação entre os poetas cordelistas e a notícia de sua morte gerou grande comoção popular e colocou o ex-presidente entre os cinco personagens mais mencionado em folhetos de cordel, ao lado de Lampião, Padre Cícero, Frei Damião e Lula. Folhetos com esta temática chegaram a vender 200 mil exemplares no Rio de Janeiro e 280 mil em São Paulo.

> A morte de Vargas foi, se não o maior, certamente um dos mais grandiosos eventos políticos de toda a crônica do cordel. Os poetas tiveram de escrever rapidamente, correr com os manuscritos às gráficas, e levar os folhetos às ruas. Quase todos os cordelistas conhecidos da época venderam poemas. (CURRAN, 2003, p. 133)

Outro presidente que teve suas campanhas e vitórias apresentadas nos folhetos foi Lula. Um presidente nordestino, retirante que fugira da seca, que passou por muitas dificuldades financeiras ao chegar a São Paulo e que chega à Presidência da República gera uma empatia muito grande com outros nordestinos com esperanças de melhoria de vida a partir de políticas governamentais. A primeira vitória de Lula, em 2002, rendeu folhetos de homenagem, outros que contavam o caminho percorrido por ele desde a saída de Pernambuco até a chegada à presidência, outros que depositavam esperanças de mudanças no governo que se instalaria a partir dali.

Folhetos refletindo sobre problemas sociais que atingem o Nordeste também são recorrentes. A seca, por exemplo, foi cantada por Patativa do Assaré em inúmeros poemas. Um dos mais conhecidos é "A triste partida", que conta a história de uma família que migra para o Sudeste para fugir da seca. Ainda sobre questões ambientais, atualmente é fácil encontrar folhetos sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas que são resultados das ações do homem na natureza, como "Mãe natureza, filho ingrato e o aquecimento global", de Zé do Jati.

O cangaço e as histórias sobre Lampião e outros cangaceiros famosos fazem parte da crônica realizada pelos folhetos sobre um fenômeno social que marcou o Nordeste no século XX. "A chegada de Lampião ao inferno", de José Pacheco, "Lampião e Maria Bonita", de Rouxinol do Rinaré e Klevison Viana são exemplos de títulos que contam a história do cangaço na região.

Estes folhetos, que se tornam históricos por sua permanência ou pelo número de reedições, além da qualidade poética dos textos, obedecem a critérios que representam o interesse que o público tem nas temáticas trabalhadas. Estes interesses estão relacionados a características culturais deste público e aos acontecimentos que os atingem diretamente. Normalmente, os interesses do público coincidem com os interesses do poeta, o que leva a uma proximidade entre emissor e receptor, a uma afetividade que é difícil que se estabeleça nas outras mídias. Esta proximidade dá ao poeta uma sensibilidade maior no momento de escolher o que vai transformar em poesia, ou não.

O poeta tem regras de escolha para o que vai ou não ser cordel. São os critérios de noticiabilidade do folheto, que se aproximam dos critérios do jornalismo e que fazem do poeta um *gatekeeper*, mediador da realidade que apresenta nos textos.

CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E AS RELAÇÕES COM O CORDEL

Segundo Traquina (2007), uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos *media* noticiosos é a de que as notícias apresentam um 'padrão' geral bastante estável e previsível. A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. O conceito 'noticiabilidade' estaria atrelado ao conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são "o conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são susceptíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo 'valor-notícia' (newsworthiness)" (TRAQUINA, 2007, p. 173).

O cordel tem a função social de registrar os fatos e traduzi-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história. De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

Além destas notícias, que também são tratadas pela mídia de massa, os folhetos tratam de notícias próprias, de fatos que não possuem valores-notícias suficientes para serem veiculados pelos grandes grupos de comunicação. São notícias referentes a pessoas queridas em uma comunidade, casos curiosos sobre os quais tomaram conhecimentos, personagens cômicos, homenagens, além de reflexões sobre assuntos atuais como as questões ambientais, relações homoafetivas, corrupção e tantos outros assuntos que são pauta de discussões entre os indivíduos e que representam assuntos de

interesse coletivo. Estes temas estão nos folhetos de forma subjetiva, como crônicas, que fazem o relato da realidade utilizando, muitas vezes, personagens fictícios. E não se trata de simples relatos, mas de textos opinativos, em que o poeta faz julgamentos e deixa claros os seus valores através dos usos de adjetivos e mesmo de formas de abordagem dos temas.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do "furo jornalístico" – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

Cabe ao poeta escolher qual das notícias que a mídia de massa veicula é interessante ao seu público. O poeta conhece o interesse daqueles que irão comprar os folhetos, que serão atraídos pela forma poética de contar as notícias relevantes socialmente e que tenham tido grande repercussão e que despertem o interesse a curiosidade do público. Dentro do agendamento prévio feito pela mídia de massa, o poeta é o *gatekeeper*[4], sujeito que seleciona o material e escolhe o que vai fazer com ele, como irá trabalhá-lo. "Os folhetos nordestinos são feitos por "homens do povo" que possuem grande identidade com seu público, pois ambos - autor e público - pertencem ao mesmo universo cultural." (ABREU, 1993, p. 252) O poeta escolhe o assunto que julga ser de maior interesse para seu público, pois será o assunto que representará um maior lucro.

Estariam os folhetos noticiosos sujeitos a essa mesma previsibilidade de conteúdos dos *media* noticiosos? Estariam condicionados ao que Stephens (1988)[5] nomeou as 'qualidades duradouras' das notícias, quais sejam o extraordinário, o insólito ('o homem que morde o cão'), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte?

OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE AO LONGO DA CADEIA DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

[4] Gatekeeper é o indivíduo ou grupo responsável pela seleção das informações que serão divulgadas ou contidas. Aquele que seleciona o que é relevante a ser divulgado. (WOLF, 1999)
[5] STEPHENS, Mitchell. A history of news. Nova Iorque: Penguin Books, 1988.

Wolf (2002) aponta que os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia. A partir daí, estabeleceu a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Transpondo essa realidade para a produção do cordel noticioso, e tomando-se por base sua criação a partir do agendamento dos *media*, poderíamos afirmar que esses cordéis sofrem uma sucessão de níveis de valores-notícia. Primeiro, são submetidos à dupla camada de valores-notícia dos próprios *media*, nas etapas de seleção dos acontecimentos e produção das notícias. Depois, esse mesmo processo é posto em prática pelo próprio cordelista, também no seu processo de seleção dos temas e produção dos conteúdos dos folhetos.

Quais os acontecimentos que seriam considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em cordéis noticiosos, em folhetos de acontecidos? Antes de perfilarmos a lista dos inumeráveis valores-notícia, sejam de seleção dos fatos, sejam da construção da notícia, cabe salientar que esses valores funcionam, na prática, de uma forma complementar, sobreponde-se uns aos outros no sentido de valorar os acontecimentos. E que o rigor dos valores-notícia não é

> "o de uma classificação abstracta, teoreticamente coerente e organizada; é, antes, a lógica de uma tipificação que tem por objectivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos". (WOLF, 2002, p. 197)

Ou seja, por trás de tudo ainda estaria a lógica da empresa jornalística em implantar processos de produção que levem a uma 'padronização' de procedimentos no ciclo de 'fabricação' da notícia. Desse modo, aumenta-se a rentabilidade do negócio, pela diminuição do tempo de fabrico, pelo controle do que é produzido e pela facilidade na eventual substituição de mão de obra 'inadequada' aos anseios dos 'proprietários' da informação. Os cordelistas também estariam presos a determinantes econômicas, quando da seleção das temáticas de seus folhetos de acontecidos? Qual a relação estabelecida pelo cordelista entre a necessidade de manter-se economicamente viável e sua 'responsabilidade social' na disseminação da informação? Quais os elementos de percepção que levam o cordelista a selecionar determinado conteúdo para a produção de seu próximo folheto noticioso?

Além da 'extensão' dos valores-notícia, enquanto disposição nas rotinas de produção jornalística, cabe destacar, também, sua variabilidade. Embora revelem uma pretensa homogeneidade no interior da cultura profissional, para além de divisões ideológicas, de geração, de meio de expressão, dentre outros fatores, não são valorados de forma igualitária. Antes, revelam uma valoração regulada por fatores culturais presentes de forma diferenciada nas diversas comunidades de produtores. E essa é uma observação importante quando trabalhamos com a produção de cordéis noticiosos. Até que ponto o cordelista 'verga' às demandas culturais de seu público em detrimento de suas convicções e preceitos próprios? Em que medida veicula sua 'verdade', ou seu constructo da realidade, em detrimento de uma menor circulação e aceitação de seus produtos?

Essa discussão estaria relacionada ao que Goffman[6] identifica como 'enquadramento'. Seriam os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles. Para Gamson[7], um enquadramento noticioso é uma ideia central e organizadora para dar sentido aos acontecimentos relevantes e sugerir o que está em causa. Assim, e referenciado em Tuchman[8], as notícias como enquadramentos oferecem definições da realidade social. Os enquadramentos são sugeridos através de metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens, ou seja, na linguagem de Gamsom, *símbolos de condensação*. Gamsom e Modigliani sugerem que a *ressonância cultural* do enquadramento – o 'pacote' interpretativo sugerido pelos *dispositivos de enquadramento* – é importante. Os autores argumentam que nem todos os símbolos são igualmente potentes. Alguns 'pacotes' têm uma vantagem natural, porque as suas ideias e linguagem ressoam temas culturais mais vastos (TRAQUINA, 2007, p. 201). A se perguntar quais os 'pacotes' culturais de que se valem os cordelistas e que reforçam os valores-notícia?

Agora, à lista. Os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas: i) às características substantivas das notícias, ao seu *conteúdo*; ii) à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao *produto* informativo; e iii)

---

[6] GOFFMAN, E. Frame analysis: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1975.
[7] GAMSON, William A.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. In: American Journal of Sociology, vol. 95, 1989.
[8] TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

ao *público*; à *concorrência* (WOLF, 2002, p. 200). São critérios substantivos o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve, relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação (p. 201 a 205). Já os critérios relativos ao produto explicam-se em termos de "consortância com os procedimentos produtivos, de congruência com as possibilidades técnicas e organizativas, com as restrições de realização e com os limites próprios de cada meio de comunicação" (p. 206)[9], sugerindo brevidade, atualidade, equilíbrio (entre os temas noticiados) (WOLF, p. 206 a 210). Em torno dos critérios relativos aos meios de comunicação, estaria, no caso da televisão, por exemplo, o bom material visual; em relação a todos os meios, a frequência e o formato (idem, p. 210 a 212). Os critérios relativos ao público sugerem a identificação, conteúdos de serviços, notícias ligeiras, estratégias de proteção (como evitar noticiar suicídios) (idem, p. 212 a 214). E, finalmente, critérios relativos à concorrência, vinculados ao 'furo jornalístico', expectativas recíprocas dos meios uns em relação aos outros, que desencorajam as inovações na seleção das notícias (idem, p. 214).

É interessante notar como esses valores sofrem reorientação quando o produtor da informação é o cordelista. No caso, por exemplo, da 'disponibilidade', compreendido como o critério relativo à facilidade com que é possível realizar a cobertura jornalística do acontecimento. Ora, acontece que ao cordelista, quando produz um folheto de acontecido, e que esse folheto parte da informação oriunda de um *media*, a informação já estava lá, apurada, e o critério da disponibilidade se torna inócuo. Embora ele possa produzir novas informações, e o critério de disponibilidade voltar a ser determinante.

Outro ponto a se observar, e que faz justiça ao posto por Traquina, mesmo com a dissonância cultural, é a permanência da importância de certos valores-notícia ao longo do tempo. Antes mesmo de Traquina, e mesmo Wolf, explicitarem suas ideias, Amaral (1982) já chamava atenção para o 'interesse humano' como componente de atratividade para a notícia, e o relaciona com o valor-notícia da proximidade. Para ele, e em geral, "os homens só se interessam por eles mesmos, por algo que lhes diga respeito. Um acontecimento só nos retém quando, de uma forma ou de outra, temos a impressão

[9] Apud Gans, 1979 – Deciding what's news. A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, News, Newsweek and Time. Nova Iorque: Pantheon Books.

de participação ou identificação" (p. 42). Ou quando na própria descrição que acompanha os assuntos que despertam interesse (p. 42 e 43) faz alusão ao interesse sobre 'os vegetais e as coisas', quando identifica o interesse limitado 'às curiosidades'.

A predisposição à permanência de alguns valores-notícia ainda estaria em Lage, ainda mais recuado no tempo (1979). No seu entender (p. 66), para a construção de um texto jornalístico é necessário

> selecionar os dados e ainda ordená-los, o que envolve uma consideração de importância ou interesse. A técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com esse fim critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico.

E vai além, quando discorre sobre o que está 'por trás' dos valores-notícia, fugindo da superficialidade que caracteriza as 'listas' desses valores. Ele identifica que esses critérios de avaliação referem-se a "impulsos psicológicos inatos, de agressividade (libertação), sexualidade, possessivismo (alimentar) e protetivismo; métodos de sublimação, redução e desvio compõem-se para a sociabilização dos indivíduos" (p. 66). E detalha:

> Na indústria cultural, a agressividade encontra sua projeção mais comum na violência; a sexualidade, no erotismo ou pornografia (o primeiro definido como sublimador, idealizante, substitutivo; a segunda, redutiva, materializante, fetichista); o possessivismo, no consumo e em representações como o progresso (individual, regional, nacional) avaliado pelo acúmulo de bens ou índices quantificáveis, ascensão na escala social, aquisição de padrões; o protetivismo, em um certo sentimentalismo aplicado às crianças em geral, aos animais, aos povos primitivos e a sua natureza ou cultura selvagens. (p. 66 e 67)

E reforça a componente cultural dos valores-notícia (p. 67), pois daí se inferem possibilidades de estudo conteudístico do texto noticioso, considerando-se a variação histórica e geográfica desses conceitos: "o grau de violência autorizada aqui e ali, antes e agora; o limite mutável do que é considerado erótico ou pornográfico; as pressões para maior ou menor simbolização do prestígio social ou o grau mais ou menos eficaz e concreto das ações protetivistas".

CONSIDERAÇÕES DERRADEIRAS E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

O estudo dos folhetos noticiosos permite identificar sua relação com os critérios de noticiabilidade, que perpassam a produção jornalística de notícias. Ao

mesmo tempo, dessa relação destacam-se especificidades. Uma delas, o fato de que a produção de um cordel pautado pelos *media* já carrega, em sua origem, os critérios de noticiabilidade que foram seguidos pelo veículo de comunicação inicial para o qual a notícia, que serviu de mote ao cordel, foi produzida. Essa notícia enfrenta mais um processo de valoração quando o cordelista seleciona um assunto para produção de seu próximo folheto de acontecido. E lhe aplica outros critérios.

Nesse artigo, fazemos uma discussão inicial sobre a relação entre critérios de noticiabilidade e produção de folhetos de acontecido. Lançamos as bases de um estudo que pode seguir caminhos mais amplos. Tencionamos, a partir da seleção representativa de folhetos de acontecido, identificar quais os critérios de noticiabilidade presentes nos cordéis produzidos. Será que seguem a mesma característica de homogeneização daquela observada na produção das notícias jornalísticas? Estariam condicionados a essa 'mesmice' construcionista? Ou poderiam projetar outros critérios de noticiabilidade, específicos, até, da produção dos acontecidos?

Entrevistas de interpretação com os cordelistas poderiam subsidiar o encaminhamento dessas questões. Haveria uma mesma lógica de construção nos conteúdos marcadamente ficcionais dos folhetos de acontecido? Como funcionaria essa relação entre realidade e ficção na produção desses folhetos? Poderia-se pensar, então, numa dupla ascendência de critérios sobre o cordelista: os critérios de noticiabilidade, oriundos dos media ou incorporados por ele, quando inseridos conteúdos originais à produção; e os critérios de ficcionalidade, incorporados por ele quando da produção da parte 'não-noticiosa' do cordel? Que diálogos poderiam ser estabelecidos entre essas diferentes categorias de critérios de criação e produção?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel Português / Folhetos Nordestinos: confrontos - um estudo histórico comparativo**. Tese de Doutorado, DTL / IEL - UNICAMP, 1993.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo** – matéria de primeira página. 3. ed. Rio de Janeiro / Fortaleza: Tempo Brasileiro / Edições Universidade Federal do Ceará, 1982

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel.** São Paulo: Edusp, 2003

DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979

LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte: Resgatar o patrimônio. In: **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

LUYTEN, Joseph Mari. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992

TRAQUINA, N. **O que é jornalismo**. 2. ed. Lisboa: Quimera, 2007

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Barcarena: Editorial Presença, 2002